

SABÃO-DE-BOLA

José Antônio de Ávila Sacramento

(Ao povo do distrito são-joanense de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno)

“Vai juntano num balaio a cinza tirada do burraio ô das trempe do fugão de lenha, forrano o fundo do balaio antes com fôia de bananêra, qui é prá num vazá tudo. É bãõ moiá um tiquinho veiz ô ôtra, qui é pra umidecê divagazinho. Pra mode de prepará a tikuada, botá o balaio dento d’uma gamela ô tacho bem grande, jogá água quente purriba da cinza e mexê. Mio é socá mucado no barrilero, com soquete, qui é prá mode saí a barrela. Vai saino divagazinho, um cardo preto, qui é qui nem soda, e ele é tiro e queda prá cortá a gurdura. Se num socá bem a cinza, a tikuada vai ficá rala, num vai apurá e vai custá virá sabão, intão tem qui prestá tenção: ela tem qui sê mais encorpada. Dento do tacho põe a gurdura, o sebo, mais a tikuada, um mucadinho de soda se tivé jeito é bãõ tamém, aí junta com mais a água e põe na trempe prá frevê. Com uma cuié de pau, das bem grande, vai mexeno o tacho. Tem que cuidá do fogo e prá num queimá a pessoa! Pode pô umas fôia de assa-pêxe, de alicrim, de manjiricão, de mamão... Tudo assim, bem picadinho... Quando a mistura começá a querê sortá umas bôia é praquê já tá quase no ponto. Prá testá se vai pricisá mais tikuada, pega um mucadinho e joga numa caniquinha meitada d’água. Se aparecê uma nata purriba d’água, é siná de que inda tem gurdura, aí pega e põe mais tikuada e vorta a misturá. Pode prová tamém, num faiz male não: põe um mucadinho na ponta da língua e se inda tivé gosto forte de tikuada é praquê inda num apurô, siná de qui inda num tá bãõ. O qui num pode é deixá pegá mau oiado dos seca-pimentêra... Dipois de pronto, deixa esfriá prá mode incorpá, indurecê, e aí, inda mêi morno, é só fazê as bola, inrolano elas na parma das mão. Pra ficá bãõ, dispois tem de imbruiá as bola na paia de bananêra ô de mio, assim cumo se tivesse impaiando ovo... Quanto mais véio, mais curtido ele vai ficá e mió fica o sabão!”.

Fácil, não é? Fácil nada! Arrisca a fazer para ver... É preciso ter muita ciência e saber das medidas certas (“num pode fartá, nem pode passá”); é necessário ter noção do ponto correto (como se fosse na fabricação de um doce!), da graduação do fogo (nem forte, nem fraco

demais), do jeito de mexer a mistura (sempre num só sentido!)... Isto tudo, assim como outros “segredinhos” que ninguém fala, não estão escritos em receita alguma e nem é muito comentado, é apenas sabido, mas tudo é seguido fielmente, meio que por instinto, numa herança de várias gerações.

Mas, segundo a tradição oral, boa mesmo para fazer o sabão-de-bola é a cinza obtida do Assa-Peixe (*Vernonia Polyanthes* e *Vernonia ferruginea* Less), um arbusto usado popularmente contra gripe pulmonar, tosses rebeldes, contusão, bronquites, hemorróidas e banhos nas afecções do útero, pontadas no peito e costas; só não me explicaram o porque desta tal preferência. Quando da fabricação do sabão, é recomendável adicionar algumas essências de plantas no tacho: folhas de mamoeiro (*Carica papaya*), de hisopo (*Leonurus sibiricus* L., um poderoso cicatrizante), de vassourinha (*Sida carpinifolia* L.f. e *Sida Cordifolia* L.), de manjerição, de alecrim e outras. Talvez por isto, aproveitando-se das propriedades terapêuticas destas plantas, o sabão-de-bola, além de ser usado normalmente na limpeza geral, também tomou a fama de ser uma espécie de medicamento; é eficaz para o tratamento de irritações da pele, das feridas, das rachaduras nos pés e de outras “perrenguices” da pele, dos cabelos ou do couro cabeludo.

De cor variando do marrom escuro ao preto, o sabão-de-bola é também conhecido como sabão-preto. Ele deve ser produzido na virada da lua minguante para o quarto crescente; alegam que se ele for feito nas fases das luas nova ou cheia não dará muito certo, a mistura tende a espirrar do tacho e é um perigo a pessoa se queimar. Há crendices e ritos na fabricação do sabão: diziam que o mau-olhado ou o *olho gordo* é capaz de fazer desandar o sabão; desandar, neste caso, é a mistura não obter a consistência esperada, ou seja, o sabão não chega ao ponto desejado. Quem mexer com o tacho de sabão, por precaução, segundo a tradição, deve colocar um galho de arruda atrás da orelha. A arruda (*Ruta graveolens*) é, pela superstição, indicada contra o mau-olhado, o olho gordo e o quebranto.

Em algumas regiões mineiras, mais particularmente na região de São João del-Rei/Minas Gerais, principalmente na nossa zona rural, até o final do século passado, ainda era possível encontrar algumas pessoas que produziam artesanalmente o sabão-de-bola. Lá no distrito de São Miguel do Cajuru, na Fazenda da Congonha, onde nasci, cheguei a presenciar a fabricação desse tipo de sabão. Em todos os lugares era tarefa

especialmente feminina e que já beira a extinção, existindo, salvo engano, quase que só no histórico distrito são-joanense do Santo Antônio do Rio das Mortes. Lá é um dos últimos lugares de onde eu tenho a notícia da fabricação do sabão-de-bola. Esta tradição gerou uma outra situação: alguém sabe me dizer qual é um dos apelidos dos naturais lá daquele distrito? Adivinhem...

Em outros tempos, era comum a escassez dos materiais industrializados de higiene e limpeza na zona rural; estes produtos raramente chegavam (quando chegavam!) pelos caixeiros-viajantes, em lombos de burros, e, mais tarde, através dos caminhões-do-queijo, que passavam semanalmente pelas fazendas, com a finalidade de comprar queijos, manteiga e ovos para revender no RJ. Dentro daqueles caminhões, os queijeiros levavam sal, querosene e outros produtos para (re)vender para os ruralistas. Era custoso adquirir os produtos vindos da cidade. Assim, o povo da roça tinha de se valer da sua criatividade. O sabão, por exemplo, era cada família que fazia o seu. Quase tudo era produzido nas fazendas, exceto o sal e o querosene para alimentar as lamparinas. Para produzir artesanalmente o sabão-de-bola não havia muita dificuldade: a receita estava na cabeça; a cinza estava por ali mesmo, fácil de ser obtida nos fogões a lenha; mais fácil ainda era transformá-la em dicuada. A gordura (o sebo) também era fácil de ser obtida (o costume era abater porcos, e, vez ou outra alguma vaca também era aproveitada, especialmente quando morria de acidente, caída nos valos ou nos atoleiros).

Segundo uma especialista (professora Amélia Hamze, da FEB/Barretos e CETEC/Barretos) “a reação de saponificação é uma reação de hidrólise alcalina de uma gordura ou óleo e a conseqüente neutralização do ácido graxo formado (ácido de um hidrocarboneto de cadeia longa) pela base forte presente no meio. Por exemplo, na reação entre a triestearina (gordura) e a potassa cáustica (dicuada), uma das possíveis reações químicas, teríamos a formação de glicerina e do estearato de potássio, um sal mais conhecido por sabão”.

Concluindo: os nossos antepassados nos legaram, mesmo sem ter os conhecimentos formais de química, o domínio e a interação com esta ciência; eles sabiam calcular bem as reações e os processos, sem nunca terem frequentado uma só aula de química. Fabricavam a dicuada sem saber que o que estavam fabricando a potassa cáustica ou o hidróxido de potássio.

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br

Lidavam com o sebo, com o toicinho e com a manteiga sem saber que aquilo era a triestearina. E assim, como notáveis “químicos”, fabricavam um saponáceo da mais alta qualidade: o bom, o tradicional e o já quase extinto **sabão-de-bola!**

Em tempo: será que alguém teria um autêntico sabão-de-bola para me presentear?



Aspecto do Arraial de Santo Antônio do
Rio das Mortes Pequeno, em 1927
(Arquivo do autor)

São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil